

NO DIÁLOGO SE ENCONTRA A POESIA, E NESTA A PRIMAZIA DO QUE SE APRENDEU¹

Ana Luiza Palhano

José Walter Almeida Sá

Ana Catharina Urbano Martins de Sousa Bagolan

Ana Clara Veras Brito de Almeida

Daniele Teotônio Gomes Bastos

Douglas Vicente Leopold

Enjolras Deoliveira Matos

Jackeline Moreira Análio

Lincon Soares Carpino

Luciana Maria Rodrigues Gresta

Mariana Pereira Procopio

Mateus Fazzioni

Mateus Gonçalves

Nelson Sampaio Máquina

Neyre Kely Menezes Pessoa Dantas

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34298

¹ Este texto coletivo foi escrito no terceiro encontro do Grupo de Conversa 9 do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que aconteceu de 8 a 12 de novembro de 2021, em formato remoto, em torno do tema: "(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia".

Sobre o II CIPA, afirmamos, com um provérbio antigo: “Quem fala semeia. Quem escuta colhe”.

Abertura/Apresentação — Poema Coletivo

Se eu fosse você, o que eu faria?
E se você fosse eu?
No diálogo se encontra a poesia
É na primazia do que se aprendeu

Estar em trânsito, Laroíê,
propondo a contextualização dos trabalhos
para refletir e debater,
sobre a realidade de nossas práticas

Dos enlaces, o saber
Nossas palavras ácidas, táticas,
tateando o verso da palavra,
e também o verso do poema

Condiz com o encontro
que resulta de nossas almas
A sabedoria que mora
em nossos conhecimentos

Ecoa com a realidade tátil,
Aquela mesma que sentimos,

tão próxima de nossas vivências,
A qual certamente aprendemos

Como sentir a arte de aprender?
Como aprender a arte de sentir?
Como entrecruzar-se na embocadura
da ferramenta que dá vazão a si?

Como sair de casa, se estamos aqui?
Como fugir dos afazeres?
Nessa dicotomia de estar e ter que ir,
Grudamos na tela às vezes

Talvez seja perguntando
Sem buscar resposta ou dica,
Pra colher futuro, sigo semeando
A semente que a arte atença

E complica e descomplica,
Abre janelas e portas,
Câmeras e nossas casas
Em nossas mentes para as boas novas

Dá-lhe! Ao encontro
da ciência com o mundo,
Há uma transformação da consciência
que requer outro aprumo

Se nas impossibilidades moram

a certeza da inconsistência,
a arte que nos devora
certamente deve ser ciência,

Dá-lhe! Ao encontro
da arte com o sentir,
Se as impossibilidades moram na incerteza,
há arte em você e em mim

Se há teatro,
Também há outra forma de fazer,
O que será que as crianças pensam,
Quando assistem a aula de vocês?

Essa pergunta é importante,
E novamente preferimos não responder,
Se educar é um ato fundante,
imagina o fundamento de aprender?

Aprende-se porque é poético,
e o conhecimento humano, científico,
Aquilo que emana de nossos cérebros,
dentro do viver coletivo

Como pode o aprender ser poético?
Se o ensinar assim não for?
O compartilhar é poético
Seja a alegria ou a dor

De fato, existem fissuras
Mas o que elas são afinal?
Senão outros modos de enxergar a escola
Ampliando o que é cultural

Juntas estamos por essa razão
Esse pensar coletivo
Inseparável da compreensão
De si o do outro ao certo
Lutando por Educação

Por isso o espaço da Arte
Se abre à experiência
E sem romantizar o ofício
O artístico é resistência!

Contextualização

O II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (CIPA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) foi realizado nos dias 09, 10 e 11 de novembro de 2021 e teve como tema as *(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia*. A organização central do evento se deu por 10 Grupos de Conversa (GC) cuja dinâmica de encontros se deu ao contrário do modelo mais fechado de apresentação. Deste modo, o texto aqui apresentado surge dos desdobramentos e discussões suscitadas no Grupo de Conversa 9, no qual estiveram reunidos os seguintes trabalhos: 1) *O ensino-aprendizagem como prática do fazer: conhecimentos que se cruzam para além das telas no ensino remoto*; 2) *Se não antes, por quê não agora? (im)possibilidades das artes da cena na escola no pós pandemia*; 3) *Aula de teatro online para pessoas surdas: o que*

podemos aprender?, 4) “Huum, uma professora palhaça?” Experimentação dramática com crianças em ambiente virtual; 5) NINFEIAS na escola: possibilidades e potências de discussão sobre os feminismos interseccionais por meio do teatro em tempos de pandemia; 6) Janelas da quarentena: experiências com adolescentes no ensino remoto; 7) Relatos de uma experiência teatral na pandemia: o grupo mamoeiro de teatro e a execução de um projeto de extensão universitária nas escolas públicas de Campinas-SP; 8) Teatrema: o ensino de teatro e o tema de pesquisa “cinema” na construção de possibilidades no ensino remoto; 9) Os desafios remotos de uma professora supervisora e seus estagiários no contexto da pandemia de covid 19; 10) Pedagogias sinestésicas, ou o como contamos a história?; 11) Teatro no ensino de espanhol em tempos de pandemia: desafios e (im)possibilidades; 12) Era uma escola, que virou casa, que virou faz-de-conta: apontamentos para uma dramaturgia com crianças e suas identidades negras; 13) Do jogo à cena; desafios do ensino remoto; 14) O teatro no sistema de ensino angolano; e 15) Fazer um círculo.

Durante o evento, fomos convidados/as a jogar uns/umas com os/as outros/as. Esse jogo teve início na terça-feira, propondo que cada pessoa lesse um dos projetos desenvolvidos pelas outras e formulassem questões que seriam tema da nossa conversa na quarta-feira. Feito isso, na quinta-feira finalizou-se com a escrita coletiva deste texto. A dinâmica do evento nos pegou um pouco de surpresa e desafiou nossas percepções sobre os formatos de desenvolver projetos. O tema do evento e a forma como foi elaborado jogam entre si, complementam-se, questionam-se e mostram-se potentes para os debates sobre o teatro e a educação em um ambiente virtual.

Durante as mesas de conversas pelo turno vespertino fomos capazes de fazer viagens por assuntos de suma importância relacionados à temática do colóquio, como por exemplo as dificuldades de se fazer e ensinar teatro em Angola. A partir de uma exposição feita por participantes do nosso Grupo de Conversa – que são professores de teatro em Luanda/Angola – pudemos

perceber a grande força e coragem de lutar a favor da arte, e é por essa força que pudemos vê-los também como grandes inspirações para resgatar as nossas ancestralidades e origens, e mesmo com o simples ou até mesmo o nada transformar em potência e ofertar o melhor para estudantes. É exatamente essa força de vontade que nos une em um grande espetáculo onde realizamos papéis importantes de personagens que mesmo distantes se comunicam entre si para com o outro, em um grande jogo onde o objetivo é levar Arte para todes. Também discutimos o aspecto político-social das artes nas escolas, sobre a importância de uma educação livre de preconceitos e opressões.

Desdobramentos

Com a pandemia de Covid-19, vivemos algo que nunca havíamos vivido antes, a privação da liberdade de ir e vir, de frequentar lugares, de visitar familiares, de encontrar amigas/os, de ir à escola e também de fazer teatro. Em meio a esse contexto de isolamento de tudo e de todes, o campo da Pedagogia do Teatro teve de se adaptar, adentrando processos e percursos antes impensados. Contudo, não há como negar que a pandemia, apesar de todas as dificuldades, nos mobilizou a parar, repensar e reorganizar muitas das nossas práticas e saberes sobre a arte teatral, seja no contexto cultural ou educacional.

Dessa forma, ao longo do percurso fomos elaborando diversos questionamentos, não a fim de compreender como fazer aquele teatro que conhecíamos antes da pandemia, mas sim expandir nossos próprios conceitos e entendimentos buscando novas possibilidades para a Pedagogia do Teatro em ambiente virtual. Talvez os questionamentos que mais nos atravessaram nesse período foram: Como fazer teatro em meio às telas? O que estamos fazendo é teatro? Como estabelecer espaços de encontro e proximidade mesmo mediados pelas câmeras? Poderia o teatro tornar-se digital/audiovisual?

Em meio a caminhos sinuosos fomos encontrando brechas e (im)possibilidades de ensinar artes nas escolas buscando sempre a compreensão desse espaço virtual enquanto sala de aula e do que era possível fazer nessa prática docente. Os apontamentos destacados sobre o ensino-aprendizado no contexto em que estamos inseridos partiu de provocações onde docentes se perguntaram por qual caminho percorrer para que fosse viável desenvolver atividades aos nossos estudantes no entendimento dos conteúdos abordados através de uma tela por meio do ensino remoto.

Durante os encontros, houve relatos que estampam a realidade de estudantes e professores que vivenciam a experiência. No caso da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Senhor do Bonfim), enfrentamos uma ressignificação e adaptabilidade do plano de curso da Licenciatura em Teatro, para atender a questões emocionais, de tempo, de entendimento das alunas e alunos, diante da pandemia. Um outro tempo acabou sendo direcionado, além das aulas síncronas e assíncronas, para poder auxiliar alguns integrantes das turmas: nem todos podiam participar ativamente das aulas, seja por questões pessoais (em que o luto e a depressão apontavam dificuldades de acompanhar as aulas), seja por questões técnicas (devido a problemas de conectividade à internet no momento da aula). É preciso estar aberto ao que é capaz de surgir. Criar movimentos de aceitação, compreensão, tolerância, ponderação e compassividade ao se relacionar com uma turma de alunas e alunos. Alguns foram perpassados por perdas e mortes na família ou de amigos. O despertar do sensível, da tolerância, de procurar saber como o outro estava tornou-se uma prática, um exercício constante nessa necessidade de aprendizagem. Também nos deparamos com uma falta maior de leitura do que na forma presencial. As dificuldades impostas pela pandemia, além das já referidas limitações ao tentar contar com uma boa conectividade à internet, também trouxe a necessidade de acessar e ler textos em formato PDF, inclusive peças de teatro com cerca de 100 páginas, por meio de smartphone, o que trouxe um desestímulo grande parte dos estudantes. Fazer um jogo de cintura, tentar

driblar os empecilhos ao longo do semestre são uma das possibilidades de adequação àquelas realidades. Logo se fez necessário repensar sobre os caminhos possíveis da educação e da sensibilidade naquela modalidade virtual de ensino, que paradoxalmente deveria nos conectar, porém criou laços frágeis sustentados por uma conexão de rede wifi. Conexão realmente sem fio. O medo de perder-nos e perdê-los nesse elo de linha tão fina, o que nos levou a pensar sobre as formas sensíveis de cumprimentar nossos alunos, como ajudá-los a chegar nesse ambiente virtual, como construir pontes reais no virtual.”

A partir dessas compreensões, percebe-se que a (im)possibilidade do teatro na escola, naquele período, entrou em tensionamento com a (im)possibilidade da própria escola pública em oferecer ferramentas adequadas para o ensino e para a permanência de estudantes nos espaços de educação em meio à virtualidade. Nesse sentido, o ensino remoto acentuou ainda mais questões já enfrentadas por professores de teatro em sala de aula. Como, por exemplo, o tempo da aula de 45/50 minutos, ainda mais acelerado na virtualidade, a vergonha de expor-se em frente aos colegas, ainda mais acentuada pela captação das câmeras, a falta de espaços e equipamentos adequados para as aulas como celulares, computadores e internet. Além disso, podemos pensar na não mobilidade dos corpos, a dificuldade de comunicação, de aproximação, de desenvolvimento da autonomia, entre outros aspectos que se reconfiguram para o ambiente virtual por meio de telas organizadas em galerias, câmeras desligadas, microfones silenciados, estudantes e professores imobilizados, desestimulados e sobrecarregados em meio a muitas tarefas.

De fato, quem conseguiu fazer teatro na escola nesses tempos pandêmicos é herói. O teatro é essencialmente relacional, é presença, olhar, tensão, corpo em movimento e em conexão, ou seja, um estado do ser/estar subjetivado que se comunica poeticamente. Teatro é um encontro que nutre esteticamente. Nesse sentido, em meio às telas, percebemos que as noções de presença, ausência e convívio foram postas em tensão e conflito. Adentramos, assim, o espaço virtual

da experiência tecnovívial. Ou seja, a “[...] experiência humana a distância, sem presença física na mesma territorialidade, que permite a subtração da presença do corpo vivente, e a substitui pela presença telemática ou a presença virtual através da intermediação tecnológica, sem proximidade dos corpos” (DUBATTI, 2020, p. 14, trad. nossa). Deste modo, essa experiência não é a mesma que a experiência teatral do convívio e da presença, nem a substitui, mas se fez necessária e apresentou inúmeras possibilidades criativas e pesquisas com linguagens estéticas por meio do borramento das fronteiras entre teatro, audiovisual e plataformas digitais.

Sem concluir as discussões suscitadas no II CIPA, pudemos perceber que as propostas pedagógico-teatrais apresentadas no nosso Grupo de Conversa representam faíscas de esperança e resistência em meio ao caos. Isso porque essas experiências não se abstiveram de tensionar as coordenadas espaço-temporais impostos pela distância e pela tecnologia, mas sim buscaram chegar ao limite de aproximação possível no tecnovívio, por meio de um investimento afetivo e da busca por estratégias que pudessem mobilizar os e as estudantes para um encontro verdadeiramente efetivo mesmo que em ambiente remoto.

Referência

DUBATTI, Jorge. Experiencia teatral, experiencia tecnovívial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos. *Rebento*, São Paulo, n. 12, p. 8-32, 2020.